

Dicionário subversivo

A

(Continuação)

ADESÃO — Qualidade indispensável, em certas épocas, para arranjar empregos ou não perder os que já se possuem. (Juan Rico).

ADMINISTRAÇÃO DAS COISAS — Eufemismo sob o qual os socialistas-colectivistas pretendem conservar o sistema estatista ou seja estabelecer o governo da sua republica.

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA — Devia ser a «gerencia dos interesses colectivos da sociedade, e é geringonça que ninguém comprehende — nem governantes, nem governados; labirinto de ordens e contra-ordens, decretos que estabelecem e decretos que derogam, disposições que criam uma coisa e circulares que a destroem em seguida». Não falando no seu lado economico...

ADVOCACIA — Mentira social: é a compra da sciencia de um homem para inventar argumentos e raciocínios falsos, a fim de que o esperto, o intrujão, o malandrim vença o honesto. (Adolfo Lima).

AGIOTAGEM — Especie de polvo que, quando consegue lançar os tentáculos ás suas victimas, só as larga depois de lhes ter chupado a ultima gota de sangue. Dois terços da população de Lisboa agonizam entre as suas prezas.

AGITACÃO — O prologo da batalha. Exercita-o o individuo ou a associação — pela palavra, pela imprensa, pela resistencia energica, pela acção decisiva contra todos os obstaculos.

AGITADORES — Nome depreciativo com que alguns teem baptisado os homens de confiança da classe operaria. Em má hora, porém. No dizer de alguém, a miséria é a grande «agitadora»; e como ela é um produto do nosso regimen social, os defensores dêste veem a ser os verdadeiros «agitadores».

ALCOOLISMO — A grande po-dridão das sociedades modernas. (Miguel Bombarda).

ALTRUISMO — Viver cada um para os outros, descuidando o bem proprio? Hun! Bem dizem os individualistas: o altruismo é um mito; não existe.

AMISÁDE — Afeição reciproca entre dois individuos? Qual! Cerceamento maior ou menor da propria liberdade. Por isso o Suvarine do *Germinal* usava a fórmula: — nem amigo, nem mulher!

AMNISTIA — Generosidade fingida de politicos depositarios da soberania, para com outros politicos, se estes não teem forças para lutar, nem as podem ganhar.

Nn.

(Continua)

A PROPOSITO DA GUERRA

Um apêlo alemão — A falencia do socialismo — De um trincheira

O *comité* da «Liga Alemã Humanitaria», lançou, por occasião do ano novo, o seguinte apêlo aos socialistas da Europa e da America:

«Caros camaradas:

Na vespera do novo ano, que vae começar em presença de crimes odiosos e desumanos, sem precedentes mesmo nos anais dos massacres perpetrados pelos infames cúmplices da nossa nação em Constantinopla, apêlamos para os nossos irmãos do continente europeu e dos Estados Unidos da America, para que não se abriguem por detraz do guarda-vento da neutralidade.

Nós estamos frente a frente com os inimigos da humanidade. A nação alemã, lançada para uma guerra criminosa pelo kaiser e pela sua côrte militar, iludida por homens de Estado perjuros ao Reichstag e por falsas informações, espalhadas em todo o Imperio afim de enganar os nossos compatriotas, precipitou-se ás cegas, loucamente, contra forças que, sustentadas por considerações morais indiscutíveis, não manifestam fraqueza alguma na sua determinação de expulsar da Belgica, tropas que teem inundado este país de sangue e maltratado de maneira irreparavel, uma nação inocente que os nossos dirigentes tinham jurado proteger.

Pedimo-vos que vos lembreis de que nenhum Estado alemão foi ameaçado no seu territorio pelos aliados, que estão defendendo legitimamente e com honra, os plenos direitos dos belgas tão cruelmente tratados. Camaradas trabalhadores:

Podeis vós permanecer por mais tempo inactivos e silenciosos perante estes inauditos crimes? Ficareis sempre mudos perante essas scenas atrozés de carnificinas de que as Flandres, o Brabante, a Alsacia, a Lorena, são teatro? Não vêdes que com estas mutilações e estes massacres de vitimas inocentes: velhos inermes, mulheres, crianças de peito, o kaiser cobriu a nossa nação duma vergonha inapagavel e que o fructo da guerra consiste no sacrificio de existencias preciosas de trabalhadores, assalariados, numa campanha infernal e barbara nos seus métodos, em terra e no mar?

Em cinco meses, os nossos lares, o nosso commercio, as nossas empresas estão arruinadas para, pelo menos, cincoenta anos; e se a guerra continua, as perdas de vidas e o desastre economico ferirão a nossa patria por mais dum século. Nós sabemos, por informações autenticas que recebemos, que a força é impotente para restringir os protestos ener-

gicos duma democracia indignada, de que se abusou, so-trendo neste momento de privações e acumulando as razões de queixa, e lançamos um apêlo caloroso a todos os camaradas que defendem a salvaguarda dos contratos internacionais, para que empreguem todos os seus esforços afim de esmagar e varrer para sempre da Alemanha, a dominação do militarismo prussiano, o qual, pela sua conspiração contra a humanidade, desonrou e cobriu de vergonha a nação alemã, aos olhos do mundo civilizado.»

Karl Bernstein—Jacob Mamold—Emil Gott—Conrad Schwabe—Gustave Ochs—Ernst Schuster—Franz Gaussen—Albért Zetel.

Na opinião do *Morning Post*, a «Liga Alemã Humanitaria», é uma nova organização formada certamente pelos socialistas alemães, que acabaram por conhecer a verdade. Não podendo os socialistas alemães exprimir no seu paiz as suas novas ideias sobre a guerra, não se pode saber quantas pessoas haverá já na Alemanha, que compartilham das mesmas ideias.

Termina assim Charles Albert:

O cristianismo *nada* fez para impedir a guerra, porque é uma velha força cançada, gasta, decaída do seu antigo poder. Se o socialismo, por sua parte, *não pôde fazer bastante*, é porque ao contrario, êle é uma força muito nova ainda, mas por isso toda cheia de esperanza. E eis a razão por que, na terrível prova que se lhe abria diante, êle teve, sem hesitar, apesar das suas repugnancias, de se aliar ás velhas forças nacionais para defender o seu ideal até no olvido aparente dêsse ideal.

E' culpa nossa, no fim de contas, se o pensamento do homem se anima, se em frente da realidade é necessario ás vezes voltar atrás para consolidar o trabalho feito ou descer ás fundações para o fazer de novo?

Tarefa maldita, na verdade, tarefa ingrata, pessima tarefa.

Trabalha-se na humidade viscosa dos subterraneos, no meio do esvoaçar dos morcegos. E ha sempre aqui e ali, velhas condutas cheias de residuos imundos que o arbitro encontra e que se esboroam.

Tarefa ingrata, maldita tarefa. No entanto é preciso fazê-la. Um bom operario não a recusa nunca, porque sabe que ela lhe é necessaria para continuar a construir.

Assim, pois, — coragem, esperanza, confiança! Eis o que, antes de tudo, se deve dizer.

O sindicalista L. H., escrevendo de uma trincheira aos seus camaradas do *Comité d'Entente* das Juventudes Sindicistas do Sena, dizia-lhes em outubro, entre outras coisas, o seguinte:

Primeiro que tudo, devo expor-vos a minha situação de dignidade pessoal, isto é, as causas que me fizeram marchar para a guerra. Ei-las:

As minhas concepções sobre a guerra permanecem as mesmas, em nada fazem mudar o meu ideal; mas considero que esta guerra, por desastrosa e mortifera que seja, não é outra coisa senão o resultado do sectarismo do-

minador por banda de um partido militar alemão, que é preciso destruir e aniquilar. E isto em atenção a uma paz internacional futura.

Procurar nas massas operarias alemãs o efectivo sufficiente para deter o impeto e o furor do despotismo guerreiro, era exigir muito de massas inertes e servis, obsceadas pelo imperialismo impostor. Mas desde que é necessario sangue, desde que são precisos cadáveres para abrir os olhos a um povo e activar a sua evolução, porque hesitar?

Foi baseando-me neste raciocínio, justo me parece, que armei a minha espingarda contra o exercito alemão.

Agora creio que tenho contribuido por minha parte, para o aniquilamento da familia dos Hohenzollern e para o advento da republica germanica. Se o povo alemão viu claro, é a vez dêle actuar: eu ainda estou pronto a apoiá-lo. A politica que êle instalar será de certo mais favoravel á paz e á evolução da classe operaria, e em particular á sua acção, do que o pôde ser o seu governo.

Aqui teem as causas, as unicas que me fizeram pegar na espingarda contra êles. Espero que um dia as discutiremos juntos e que esse dia virá breve.

Karl Marx e a França

Houve dois Marx, — um amigo e outro inimigo da França?

A *Voz do Operario*, na sua «Revista Internacional», referiu-se o outro dia á contenda travada na imprensa de Par, entre reaccionários de um lado e socialistas do outro, sobre o tema que o titulo destas linhas indica. Como é natural, o redactor da *Voz* dá conta apenas do que leu na *Humanité*, para concluir que Karl Marx foi sempre um dos maiores amigos da França.

Mas o certo é que do lado socialista tambem a *Bataille Syndicaliste*, se fez ouvir, para em nome da verdade — da verdade com que havemos de vencer os nossos adversarios, — asseverar que se aquela afirmação é demonstravel, a contrária igualmente o é.

Recordando que Marx usava excomungar e ridicularizar asperamente a ideologia francesa e que a linguagem antifrancesa e anti-revolucionária era a mais conforme ao seu pensamento, ao que se podia chamar o seu pensamento constante, isto é ás suas doutrinas e ás suas teses, um dos colaboradores da *Bataille*, apoiado na correspondencia de Marx e Engels, publicada na Alemanha em 1913, dá a prova da asserção.

A *Voz* publicou o que podemos chamar o texto de Longuet; no proximo numero publicaremos nós a parte mais importante do texto de Ch. Albert.

Grupo Rebelião

Evora — Reuniu este grupo, resolvendo, entre outras coisas, adquirir quinhentos manifestos anti-eleitoraes, comprar 20 exemplares do *Germinal* de cada numero e auxiliar o jornal *A Aurora* com o producto d'uma subscrição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alvaro José Diniz, rua Lopo Serrão, 18.